

A ESPERANÇA NUMA NOVA CRIAÇÃO E A DIVERSIDADE DE ESCOLAS TEOLÓGICAS NA AMÉRICA-LATINA

Rev. Dr. Vinicius Couto, Seminário Teológico Nazareno do Brasil

O texto da Dra. Ivelisse Valentin-Vera é um belíssimo ensaio sobre a temática escatológica da nova criação. O texto é instigante e bem articulado. Ela dialoga com os principais autores contemporâneos da temática.¹ Esse assunto, aliás, é muito coerente com a tradição wesleyana, da qual a Igreja do Nazareno é herdeira. Minha reação, neste breve ensaio, dar-se-á em torno de uma perspectiva complementar, que visa ajudar a responder uma especificidade latino-americana: como podemos ajudar os irmãos latino-americanos a terem uma visão de mundo cristã mais adequada ao otimismo característico da teologia da nova criação?

Essa problematização se dá em torno da maior adesão dos latino-americanos a escatologias pessimistas, que são, geralmente, avessas à práxis transformacional na cultura e ao cuidado com os pobres e o meio ambiente.² Sem falar da escatologia realizada, típica do neopentecostalismo, cuja satisfação é o aqui e o agora, num desprezo perceptível pelo *eschaton* futuro de uma nova criação.³ Essa questão é mais complexa em se tratando da Igreja do Nazareno, pois ela não adota uma escola escatológica específica, deixando pormenores da discussão sobre o reino de Deus, os mil anos e as questões tribulacionais em aberto.

Embora a Igreja do Nazareno não adote uma escola de escatologia específica, é preciso demonstrar que, algumas correntes desse ramo doutrinário acabam influenciando uma práxis pessimista que vai na contramão da tradição wesleyana e, sobretudo, do cristianismo. Isso ocorre porque nossas ações são reflexos diretos de uma cosmovisão, *weltanschauung*, em alemão. Nesse sentido, os teóricos da “cosmovisão” estão de acordo com algumas questões:

- 1) As cosmovisões são construídas a partir de diversos pontos de contato com a realidade, tais como a razão, a experiência, as crenças, os sentimentos e os valores etc.;
- 2) As cosmovisões são formadas a partir de perspectivas familiares e estruturais (como a coletividade de uma empresa, denominação religiosa, religião etc.);
- 3) As cosmovisões não são estáticas, antes, estão em constantes movimentos, na medida em que lidamos com mudanças culturais e de ideias;
- 4) As cosmovisões impactam diretamente no modo como atuamos em nosso cotidiano, influenciando diretamente em nossa forma de pensar e agir.⁴

¹ E.g., Jürgen Moltmann, Oscar Cullman.

² Esse tipo de pessimismo é encontrado nas correntes pré-milenista histórica, amilenista e pré-milenista dispensacionalista. Um estudo comparativo sobre as correntes escatológicas pode ser encontrado em ERICKSON, Millard. *Escatologia: a polêmica em torno do milênio*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

³ Para uma visão crítica dessa escatologia neopentecostal, ver MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

⁴ Essa síntese pode ser encontrada em autores como GOHEEN, Michael; BARTHOLOMEW, Craig. *Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 2016; LEITE, Cláudio Antônio Cardoso; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; CUNHA, Maurício José Silva (Orgs.). *Cosmovisão Cristã e Transformação: espiritualidade, razão e ordem social*. Viçosa: Ultimato, 2006; NAUGLE, David K. *Worldview: a history of a concept*. Grandrapids: Eerdmans, 2002.

Destacamos o quarto ponto da síntese anterior como sendo um dos fatores mais importantes dessa reação. Paul Hiebert afirmou que, “cosmovisões influenciam profundamente as maneiras de as pessoas verem o mundo e viverem suas vidas”.⁵ Michael Goheen e Craig Bartholomew fizeram uma afirmação na mesma direção de Hiebert. De acordo com eles, as cosmovisões “moldam e dirigem a totalidade de nossa vida, tanto pessoal quanto coletiva. [...] Ela não só nos dá uma perspectiva de como o mundo é (sua função descritiva), mas também funciona como um guia de como o mundo deve ser e de como devemos viver no mundo (sua função normativa).”⁶

Nesse sentido, a cosmovisão escatológica pode impactar no modo de ser das comunidades cristãs. Aquelas escatologias caracteristicamente pessimistas, por exemplo, tenderão a ser guiadas pela máxima: “quanto pior, melhor, até que Cristo volte”. Isso fará com que o cristão moldado por essa *weltanschauung* não se preocupe com a sua responsabilidade para com a criação de Deus. Esse tipo de cristão vê a justiça social como responsabilidade do Estado e, frequentemente, como um discurso marxista; a justiça ambiental como uma utopia ambientalista; os discursos antirracistas como uma preocupação desnecessária do cristianismo; o feminismo como um movimento completamente alienado à cristandade, por vezes, demonizado.

Escatologias pessimistas tendem a valorizar os estragos e a focar apenas na maldade inerente à humanidade, em sua depravação total. É verdade que, o pecado original separou o ser humano de Deus e da retidão original edênica. Contudo, as Escrituras revelam um agir sobrenatural da graça de Deus que possibilita mudanças substanciais no indivíduo que experimentou o novo nascimento. Nesse caso, é possível pensarmos numa antropologia pessimista e, ao mesmo tempo, numa soteriologia otimista.

Dois pilares da tradição wesleyana estão nas obras de piedade e obras de misericórdia. No primeiro caso, Wesley falava a respeito da vida devocional, da εὐσέβεια cristã (e.g., a prática da oração, da leitura da Palavra de Deus, da evangelização, dos meios de graça etc.). No segundo caso, Wesley falava sobre a responsabilidade do cristão em atuar com compaixão pela humanidade caída, fazendo opção pelos pobres e marginalizados. Uma escatologia pessimista poderá valorizar a primeira parte, mas, tenderá a negligenciar a segunda.

A Igreja do Nazareno, desde seus primórdios, optou por não estabelecer uma linha escatológica específica. A ideia era focar apenas naquilo que pode ser considerado como uma crença primária, deixando questões adiaforas em aberto. Isso é muito positivo quando pensamos na tradição armínio-wesleyana. Jacó Armínio, por exemplo, propôs uma espécie de *minima dogmata*, o que ele chamou, em holandês, de *Confessie weynich articulen*⁷ e, em latim, de *Confessio paucissimos articulos*, i.e., uma “Confissão com o mínimo de artigos”.⁸ John Wesley revisou os 39 Artigos da Religião da Igreja Anglicana e os resumiu em 24, quando da fundação da Igreja Metodista Episcopal. Atualmente, a Igreja do Nazareno tem 16 artigos de fé.

⁵ HIEBERT, Paul. *Transformando cosmovisões: uma análise antropológica de como as pessoas mudam*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 18.

⁶ GOHEEN, Michael; BARTHOLOMEW, Craig. *Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 54.

⁷ ARMINIUS, Jacobus. *Verklaring van Jacobus Arminius, afgelegd in de vergadering van de staten van Holland op 30 Oktober, 1608*. [Ed. Genit Jan Hoenderdaal]. Lochem: De Tijdstroom, 1960, p. 135.

⁸ ARMINII, Iacobi. *Declaratio Sententiæ*. In: ARMINII, Iacobi. *Opera Theologica*. Leiden: Goderfridum Basson, 1629., p. 13.

No entanto, como poderíamos pensar numa maneira mais eficiente de ajudar nossos irmãos nazarenos a pensar numa *weltanschauung* otimista sem, necessariamente, ter que abraçar o pós-milenismo,⁹ por exemplo? Acredito que, uma das formas está na soteriologia. Entendemos que, pela Queda de Adão, a raça humana ficou completamente alienada de Deus, morta em seus delitos e pecados.¹⁰ Também entendemos que, pela iniciativa divina, a expiação de Cristo torna a salvação possível a toda a raça humana.¹¹ Essa possibilidade de salvação, no entanto, não brota do ser humano caído, mas, do próprio Deus, que, em Cristo e por meio do Espírito, *vem primeiro* ao encontro do ser humano caído.¹² Somente pela habilitação do Espírito, fazendo com que o arbítrio seja liberto, é que tal pessoa pode se render ao senhorio de Cristo, respondendo com arrependimento e fé.¹³ Uma vez rendida a Cristo, essa pessoa se torna nova criação (καινή κτίσις, conforme 5 Coríntios 5:17) pela extraordinária *opera ad extra* do Espírito em regenerar, justificar e adotar.¹⁴

A salvação já faz com que, o agora cristão, seja “nova criação”. As mudanças são substanciais: a regeneração faz com que o indivíduo saia da morte espiritual para a vida no Espírito; a justificação faz com que saia da condição de inimigo de Deus para amigo; a adoção faz com que saia da condição de filho da ira para filho de Deus. Isso só ocorre porque tal indivíduo recebe a aplicação dos benefícios da expiação por meio da *reconciliação*. E, nesse sentido, o filho de Deus foi reconciliado para reconciliar. No pensamento paulino: “Deus estava reconciliando consigo o mundo e nos deu o ministério da reconciliação” (2 Coríntios 5:18).

O indivíduo “nova criação” do versículo 17 é o mesmo que foi reconciliado e vocacionado para ser um agente e instrumento de reconciliação no versículo 18. Os textos estão interconectados numa perícope de contexto imediato e não podemos dissociá-los ou isolar um do outro. Um cristão que não se ocupa de trabalhar em prol da reconciliação de outras pessoas com Deus, com o próximo, consigo mesmo e com a criação está agindo fora de sua vocação.¹⁵ Deste modo, mesmo que o cristão queira insistir numa escatologia pessimista, precisa, por razões bíblicas, abraçar uma soteriologia reconciliadora otimista. Acredito que, fazendo isso, essa pessoa estará alinhada com as Escrituras, com a tradição, com a razão e com a experiência e será inclinada a uma práxis cristã de uma *weltanschauung* otimista.

⁹ A vertente pós-milenista é a que aborda os eventos escatológicos numa perspectiva mais otimista. Para um estudo abrangente sobre o tema, ver REASONER, Vic. *A esperança do evangelho: uma introdução à escatologia wesleyana*. Maceió: Sal Cultural, 2018.

¹⁰ Cf. o artigo 5 da Igreja do Nazareno, sobre o pecado original e pessoal.

¹¹ Cf. o artigo 6 da Igreja do Nazareno, sobre a expiação de Cristo.

¹² Cf. o artigo 7 da Igreja do Nazareno, sobre a graça preveniente.

¹³ Cf. o artigo 8 da Igreja do Nazareno, sobre arrependimento.

¹⁴ Cf. o artigo 9 da Igreja do Nazareno, sobre regeneração, justificação e adoção.

¹⁵ Para um estudo sobre a reconciliação nessas 4 esferas relacionais, ver RUNYON, Theodore. *A Nova Criação: A Teologia de John Wesley Hoje*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002; e COUTO, Vinicius. *Fé x Obras: ortodoxia e ortopraxia na teologia de John Wesley*. São Paulo: Reflexão, 2018.

REFERÊNCIAS

ARMINII, Iacobi. Declaratio Sententiæ. In: ARMINII, Iacobi. *Opera Theologica*. Leiden: Goderfridum Basson, 1629.

ARMINIUS, Jacobus. *Verklaring van Jacobus Arminius, afgelegd in de vergadering van de staten van Holland op 30 Oktober, 1608*. [Ed. Genit Jan Hoenderdaal]. Lochem: De Tijdstroom, 1960.

COUTO, Vinicius. *Fé x Obras: ortodoxia e ortopraxia na teologia de John Wesley*. São Paulo: Reflexão, 2018.

ERICKSON, Millard. *Escatologia: a polêmica em torno do milênio*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

GOHEEN, Michael; BARTHOLOMEW, Craig. *Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HIEBERT, Paul. *Transformando cosmovisões: uma análise antropológica de como as pessoas mudam*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

LEITE, Cláudio Antônio Cardoso; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; CUNHA, Maurício José Silva (Orgs.). *Cosmovisão Cristã e Transformação: espiritualidade, razão e ordem social*. Viçosa: Ultimato, 2006; NAUGLE, David K. *Worldview: a history of a concept*. Grandrapids: Eerdmans, 2002.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

REASONER, Vic. *A esperança do evangelho: uma introdução à escatologia wesleyana*. Maceió: Sal Cultural, 2018.

RUNYON, Theodore. *A Nova Criação: A Teologia de John Wesley Hoje*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002.